

## **Assessoria de Imprensa: Diferenças das práticas entre Portugal e Brasil<sup>1</sup>**

Cátia Sofia Gonçalves MESQUITA<sup>2</sup>

Desirêe Francielle GALVÃO<sup>3</sup>

Filipa Andreia da SILVA<sup>4</sup>

Sara Maria Rodrigues VENDA<sup>5</sup>

Fernando Vasco Moreira RIBEIRO<sup>6</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, MT

Universidade do Porto, Porto, Portugal

### **Resumo**

O presente artigo pretende evidenciar as diferenças existentes nas práticas de assessoria de imprensa no Brasil e em Portugal. Através de cinco entrevistas realizadas com assessores de imprensa, três brasileiros e dois portugueses ligados à área do esporte e da política, o artigo expõe o dilema que existe relativamente aos limites estabelecidos na profissionalização da assessoria, que se evidenciam distintos nestes dois países.

**Palavras-chave:** assessoria de imprensa; práticas de assessoria de imprensa; jornalismo; Portugal; Brasil.

### **Introdução**

A profissionalização da assessoria teve contornos diferentes em Portugal e no Brasil. A principal diferença está relacionada com a separação profissional entre o jornalismo e a assessoria de imprensa. O presente artigo traça um perfil das diferenças na assessoria de imprensa em Portugal e no Brasil no que diz respeito às suas práticas, formação e ética, à relação que é mantida com os jornalistas e à visão da profissão em si.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante da Licenciatura do 3º ano do Curso de Ciências da Comunicação: Jornalismo, Assessoria de Imprensa, Multimedia da Universidade do Porto, email: [catiamesquita94@gmail.com](mailto:catiamesquita94@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação do 6º semestre do Curso de Jornalismo da UFMT, email: [desireegalvao@hotmail.com](mailto:desireegalvao@hotmail.com)

<sup>4</sup> Estudante da Licenciatura do 3º ano do Curso de Ciências da Comunicação: Jornalismo, Assessoria de Imprensa, Multimedia da Universidade do Porto, email: [filipa.splan@gmail.com](mailto:filipa.splan@gmail.com)

<sup>5</sup> Estudante da Licenciatura do 3º ano do Curso de Ciências da Comunicação: Jornalismo, Assessoria de Imprensa, Multimedia da Universidade do Porto, email: [saravenda@hotmail.com](mailto:saravenda@hotmail.com)

<sup>6</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Ciências da Comunicação da Universidade do Porto, email: [vrbeiro@letras.up.pt](mailto:vrbeiro@letras.up.pt)

Ao analisar e comparar a realidade portuguesa e brasileira no que concerne à profissionalização da assessoria de imprensa, a metodologia que satisfaz os objetivos baseia-se em uma análise de conteúdo qualitativa e quantitativa. Foram realizadas cinco entrevistas para assessores de imprensa portugueses e brasileiros.

No caso português, foram entrevistados dois assessores, um da área de política e outro da área de esporte. No caso brasileiro, por sua vez, foram entrevistados três assessores, dois ligados à política e o último ao esporte. Após a realização das entrevistas, prosseguimos a uma análise qualitativa do conteúdo das mesmas.

Eugênio Bucci, em artigo para Observatório da Imprensa intitulado “Profissões diferentes requerem códigos de ética diferentes”, refere que

separar os ofícios de assessoria de imprensa e de jornalismo será um grande benefício para a profissão de jornalista, que terá direito a um Código de Ética sem ambiguidades. [...] Será um benefício para os assessores de imprensa, que poderão aprofundar, num código específico, as particularidades do seu fazer. Mas, acima de tudo, será um grande benefício para o cidadão que tem direito à informação de qualidade. (BUCCI, 2006).

O conflito entre interesse público e interesse da entidade patronal está na base da discussão que gira em torno deste tema. Bem como, o debate sobre se a profissão de assessor deve ou não ser praticada simultaneamente com a de jornalista.

A assessoria de imprensa nasceu nos Estados Unidos da América, pela ação do jornalista Ivy Lee em Nova York. Ao definir a “declaração de princípios” da atividade de assessoria, Lee trabalhava para recuperar a imagem da *Pennsylvania Railroad*. A empresa atravessava um momento de crise devido ao acidente de trem, envolvendo 50 mortes, em *Atlantic City*, no dia 28 de outubro de 1906. Segundo Vasco Ribeiro (2014), Ivy Lee, ofereceu uma rápida explicação sobre o ocorrido, sem espaço para especulações e desinformações penosas para seu cliente.

Este não é um serviço de imprensa secreto. Todo nosso trabalho é feito às claras. Pretendemos fazer a divulgação de notícias. Isto não é agenciamento de anúncios. Se acharem que nosso assunto ficaria melhor na seção comercial, não o usem. Nosso assunto é exato. Maiores detalhes, sobre qualquer questão, serão dados prontamente. E qualquer diretor de jornal será auxiliado, com o maior prazer, na verificação direta de qualquer declaração de fato. Em resumo, nosso plano é divulgar, prontamente, para o bem das empresas e instituições públicas, com absoluta franqueza, à imprensa e ao público dos Estados Unidos, informações relativas a assuntos de valor e de interesse para o público.<sup>7</sup> (DUARTE, 2004, p.36).

Apesar de a assessoria de imprensa ser encarada profissionalmente de forma distinta em Portugal e no Brasil, podemos considerar que Ivy Lee definiu, como considera

---

<sup>7</sup> Declaração de princípios escrita por Ivy Lee sobre a função de assessor de imprensa.

Vasco Ribeiro, uma “declaração de princípios”, baseada na ética e na moral. Contudo, por não existir uma separação da profissão de assessoria no Brasil, alguns autores consideram que a questão ética fica comprometida.

Em entrevista para Jorge Duarte (2002), Pierre Fayard, da Université de Poitiers na França, revela que no modelo europeu é inimaginável um jornalista atuar como divulgador. O registro profissional é dado para pessoas vinculadas a órgãos de imprensa e, por isso, não podem atuar em atividades relacionadas às relações públicas. Contudo, no interior do Brasil, é comum trabalhar ao mesmo tempo num órgão de comunicação social e na área de assessoria, em grande causa pelo fato de os rendimentos dos jornalistas serem baixos.

Um dos momentos que serviu de mote para a migração de jornalistas para a área da assessoria no Brasil, foi uma greve de jornalistas em São Paulo, em 1979. Mal sucedida, a ação levou à demissão de inúmeros jornalistas. Assim, Duarte relata que os jornalistas,

...Em busca de novas opções de trabalho encontraram aberto o mercado nas empresas privadas, que estavam à procura de profissionais capazes não apenas de abrir espaço para as suas informações nas redações, mas também para elaborar produtos de comunicação empresarial como jornais, revistas e vídeos de qualidade profissional. (DUARTE, 2002, p.84)

Do outro lado do debate, existem autores que defendem que a prática em simultâneo das duas profissões não representa um problema. Marcel Cheida (1993) considera que o jornalista é compromissado eticamente em apreender a verdade factual, transformá-la em um bem social, e ser um crítico observador da realidade. Assim, para a autora, trabalhar na área de assessoria “não implica numa adesão a uma única versão dos fatos, mas sim na especialização dos assuntos pertinentes à instituição assessorada.” (CHEIDA, 1993, p. 116).

Jorge Duarte ainda cita o estudo feito por Santos e Barbi, realizado em 14 assessorias de imprensa de Ribeirão Preto no estado de São Paulo,

As assessorias, por pertencerem majoritariamente a jornalistas, acabam por adotar um padrão ético de atuação próprio desta profissão. E esses profissionais, embora não tenham formação adequada ao exercício de assessor, têm compromisso ético e consciência sobre a importância e o impacto da informação junto à opinião pública. (2000, apud DUARTE, 2002, p.12).

Carlos Chaparro (1989) considera que a assessoria de imprensa deve distanciar-se do seu elo natural com o marketing e o lobby. “Como atividade jornalística, a assessoria de imprensa deve assumir as funções, os critérios e os valores do jornalismo – não apenas os técnicos, mas também os éticos.” (CHAPARRO, 1989, p. 45). Também defende que quanto melhor for a qualidade das fontes melhor será a qualidade do resultado jornalístico. Sendo assim,

é legítimo e fundamental que as fontes se organizem – e não apenas para distribuir notícias e sugestões de pauta, mas também para garantir atendimento adequado, eficaz, às solicitações das redações – desde que tenham a qualidade essencial de serem instituições ou pessoas aptas para a produção de decisões, bens, serviços, atos, falas e saberes que construam, alterem ou expliquem a atualidade (CHAPARRO, 1996, p. 12)

O Manual Nacional de Assessoria de Imprensa da Federação Nacional dos Jornalistas do Brasil (FENAI) proíbe o profissional de exercer cobertura jornalística pelo órgão em que trabalha, em instituições públicas e privadas onde seja funcionário, assessor ou empregado (capítulo II, artigo 7, VI).

No caso português, o panorama é outro. Segundo Deschepper (1992), no setor empresarial as práticas midiáticas são geralmente desempenhadas por profissionais de relações públicas, gabinete de imagem ou marketing. “São, em geral, ‘técnicos’ ou ‘redactores’ de relações públicas com formação específica” (DESCHEPPER, 1992, p. 28). Por lei, um jornalista é impedido de exercer quaisquer funções em jornalismo se exercer algum cargo na área de assessoria de imprensa.

### **O caso português**

Foram realizadas entrevistas a cinco assessores de imprensa brasileiros e portugueses das áreas de política e desportiva. No caso português, da área do esporte foi entrevistado Joaquim Xavier, de 56 anos e assessor do Sport Club do Porto, e na área de política Paula Esteves, de 47 anos e assessora do partido político PS.

Ao comparar estes dois casos específicos, surgem semelhanças. Ambos os assessores contam com experiência em jornalismo anterior à assessoria de imprensa. Joaquim Xavier trabalhou na Rádio Comercial e colaborou com o Correio da Manhã. Paula Esteves trabalhou durante 15 anos no Comércio do Porto. Quanto à formação na área de trabalho atual, também nenhum dos entrevistados tem formação específica, justificada pela falta de tempo.

Referente à experiência em jornalismo como ajuda no trabalho do assessor, ambos os entrevistados concordaram. Paula Esteves refere que ajuda a perceber as necessidades dos jornalistas e os *timings*<sup>8</sup> da redação. Já Joaquim Xavier reforça que o estabelecimento de relações próximas com as redações é uma das formas de conseguir atenção mediática no nível da assessoria de imprensa.

---

<sup>8</sup> Significado: Sensibilidade para o momento propício de realizar ou de perceber a ocorrência de algo, ou senso de oportunidade quanto à duração de um processo, uma ação etc.

Questionados sobre a importância da ética na profissão, os dois entrevistados consideram-na fundamental. A assessora política salienta ser relevante nas duas profissões (jornalismo e assessoria) e o assessor de esporte diz guiar-se pelo bom senso. Quanto à omissão de informações, Joaquim Xavier defende a transparência como melhor política. Já Paula Esteves refere que pode ser necessária para reforçar o elo de lealdade com a entidade patronal e lembra que o *timing* do assessor não é o *timing* de um jornalista.

Em relação às técnicas utilizadas na assessoria de imprensa, os dois entrevistados referem múltiplas técnicas usadas todos os dias. O assessor da área esportiva realça que a nota de imprensa mantém-se atual enquanto a assessora política privilegia o contato telefónico a fim de cultivar os laços com os jornalistas.

Quanto ao uso de técnicas que fogem ao âmbito profissional (jantares, encontros casuais, viagens, etc), Paula Esteves refere cafés, almoços e visitas como forma habitual de manter relações saudáveis com os jornalistas. Pelo contrário, Joaquim Xavier diz que a sua instituição não tem possibilidade de oferecer mais aos jornalistas. A adaptação a cada meio não é realizada, devido principalmente à falta de meios para tal (equipes reduzidas) e ambos referem igualmente que existem casos onde pode ser dada primeiramente uma informação a um jornalista/*media* específico. No contexto de comunicação de crise, os dois entrevistados consideram imprescindível gerir a situação com rapidez para minorar estragos.

Já no relacionamento com os jornalistas, a assessora política recorda uma situação em que a sua relação próxima com uma jornalista ficou comprometida por ter optado pela salvaguarda do seu partido. Os dois entrevistados concordam que o assessor de imprensa pode assumir o papel de fonte, mas está dependente da margem de manobra que a entidade patronal lhe confere porque deve existir uma relação de proximidade elevada. Quanto à separação das profissões jornalista e assessor de imprensa, Joaquim Xavier afirma que faz sentido cada um no seu campo. Por sua vez, Paula Esteves também concorda com a separação, contudo afirma que a separação legal entre as mesmas não impede a presença de promiscuidade no setor.

Em Portugal não existe um enquadramento legal da profissão assessor de imprensa. Sobre este assunto, a assessora política diz que deveria existir alguma legislação para defender a classe da precariedade. Realça que faz falta um código ético porque cada indivíduo age de acordo com o que a sua consciência dita e por vezes são utilizados meios complicados. O assessor da área do esporte, por sua vez, afirma ainda não perceber completamente a lacuna a nível legal, mas a observação que tem é que apenas as empresas

que investem em publicidade ou em “operações de charme” são valorizadas pelos jornalistas.

Em conclusão, questionados sobre o grande objetivo da assessoria de imprensa, Paula Esteves afirma o enaltecimento e projeção da instituição para a qual trabalha, na qual o assessor deve manter-se sempre nos bastidores. Já Joaquim Xavier diz a defesa do interesse do assessorado, realçando, contudo que o ideal seria o equilíbrio entre o interesse do assessorado e o interesse público.

### **O Caso brasileiro**

Para o caso brasileiro foram entrevistados três assessores de imprensa. Dois atuantes da área política, Kleber Alves Lima, 43 anos, que desde julho de 2013 é secretário de Comunicação da prefeitura de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, e Lorena Karolina Bruschi, 24 anos, jornalista e funcionária pública, também da prefeitura de Cuiabá, que atua como assessora de imprensa em períodos eleitorais. Olímpio Vasconcelos, 27 anos, é atualmente assessor da Federação Estadual de Basquetebol em Mato Grosso.

Dos três entrevistados, Lima e Brushi já são formados, enquanto Olímpio está no último ano do curso de jornalismo. Há também que se observar que todos possuem experiência anterior como jornalistas. Kleber, que fez pós-graduação em comunicação e marketing, além de cursos de formação em assessoria de imprensa, gestão de crises, pesquisa de opinião e marketing político, já atuou como repórter de cidades, repórter de Política e Editor de Política em jornais do país. Lorena, antes de exercer a assessoria, já trabalhou na área de edição de TV e reportagem na área de política. Olímpio já trabalhou como repórter de sites na área do esporte.

Os assessores em questão concordam que a experiência prévia como jornalista antes de exercer assessoria ajuda no desempenho das atividades. Kleber Lima é definitivo na sua resposta, “Na minha opinião, assessor que nunca atuou em redação terá uma visão limitada do trabalho de assessoria”(informação verbal)<sup>9</sup>. Bruschi evidencia a carteira de contatos e conhecidos feitos como jornalista, que são diferenciadores para o assessor de imprensa que necessita divulgar qualquer informação. Vasconcelos cita a visão dinâmica que o período em redações oferece, para entender o que o cliente pode oferecer dentro dos critérios noticiosos.

---

<sup>9</sup> Entrevista fornecida por Kleber Lima em dezembro de 2014, concedida às autoras deste artigo.

Quando questionados sobre a ética na profissão e a relação da mesma com a omissão de informações, tanto por parte de assessores como de jornalistas, as respostas são semelhantes. A ética em si é reconhecida como essencial em qualquer profissão, mas não está ligada a omissão de informações. Olímpio e Lorena citaram o mesmo exemplo, do que rege a linha editorial de meios de comunicação comprometida com os investidores, anunciantes, por exemplo. Neste caso os jornalistas, inclusive, omitem, ou deixam de publicar informações que não são interessantes aos elementos da empresa de mídia. Respondem ainda que o compromisso do assessor é com o assessorado, assim como o compromisso do jornalista é com o meio que o emprega. Kleber Lima completou que, “Omissões são permitidas tanto ao assessor como ao jornalista, desde que não sejam relevantes para o esclarecimento da situação”(informação verbal)<sup>10</sup>. Ainda defende que a missão do assessor é a de defender a versão dos fatos, mas que isso não o desobriga a respeitar a verdade dos fatos.

Lorena e Olímpio já se viram obrigados a omitir informações que desvalorizavam os seus clientes. Já Kleber Lima afirma que nunca o fez. Apenas deixou de confirmar fatos sobre os quais não havia provas ou confirmação oficial, pois o assessor só deve falar oficialmente.

Em relação às técnicas exercidas na assessoria de imprensa, Kleber Lima faz uso de todas as ferramentas mais comuns, (*press release*, redes sociais, *follow-up*, conferência, etc), dependendo das circunstâncias. Enaltece ainda que o *press release* é a principal ferramenta da assessoria, especialmente nos tempos atuais, com o grande número de veículos virtuais e também das redes sociais. Lorena Bruschi dá destaque às redes sociais, como o *Facebook*, o *Instagram*, o *Twitter* e o *Whatsapp*, prioridade nos planos de comunicação para assessoria política. Isso porque, justifica, é a principal ferramenta de alavanque da imagem pessoal do assessorado. Olímpio Vasconcelos, assessor da área esportiva, descreve as suas atividades rotineiras, tendo em vista que costuma a ser o único responsável pela atenção mediática dos seus clientes.

Costumo mandar *press release* dois dias antes de uma competição. Quando trabalhei em um time profissional de futebol, mandava uma matéria por dia e às vezes até duas por dia. Porque o esporte aqui no Brasil é muito adorado. Cuido das redes sociais também, a cada dois dias pelos menos algum post nas redes sociais. Abastecimento do site e confecção de artes para divulgação. Fotografias no evento, auxílio quando os meios de comunicação chegam nas competições, com entrega de *press kit* (informação verbal)<sup>11</sup>

<sup>10</sup> Entrevista fornecida por Kleber Lima em dezembro de 2014, concedida às autoras deste artigo.

<sup>11</sup> Entrevista fornecida por Olímpio Vasconcelos em novembro de 2014, concedida às autoras deste artigo.



Lorena Bruschi, diz que para o envio de *press releases* há no mínimo a adaptação aos gêneros, pois um determinado político pode ter inserção em outras editorias além de política, como meio ambiente e cultura. Em alguns momentos há de se diferenciar conteúdos que serão utilizados em TV e em rádio. A regra é trazer resultado, que será a divulgação positiva da atuação política do assessorado. Defende ainda que a prática do envio de *press releases* desmesurado para todos os meios dificilmente trará algum resultado. É necessária articulação e conhecimento das necessidades dos meios de comunicação regionais. Kleber e Olímpio concordam que, em alguns casos, a adaptação é sim necessária. Na área do esporte, Olímpio envia um *release* diferenciado para as emissoras de televisão, contendo mais informações e detalhes sobre os locais e horários, além de não dar muita importância para citações de depoimentos, as “aspas”. E que para os jornais, sites e rádios faz o envio do mesmo texto.

Na relação estabelecida com os jornalistas, o uso de técnicas que fogem ao âmbito profissional como jantares, encontros casuais e viagens, podem vir a ser utilizadas pelos assessores. Lorena Bruschi e Kleber Lima, assessores de política, concordam que isso faz parte da rotina de qualquer profissão e que se faz positivo para conhecer as crenças e estilos dos repórteres. Bruschi diz que “Momentos de descontração são responsáveis pela maior parte do Networking de um profissional, e a outra vem pela boa atuação profissional” (informação verbal)<sup>12</sup>. Já Lima, toma o cuidado em salientar que “Este é um recurso aceitável, desde que não seja empregado com o propósito de corromper o profissional” (informação verbal)<sup>13</sup>. O assessor do esporte, totalmente contrário a esta prática, diz que não costuma convidar para nenhum encontro, nem nada. Crê que é antiético esse tipo de atitude e que tenta manter a relação com os jornalistas o mais profissional possível.

Em nenhum momento a profissão de assessor está separada da de jornalista. Inclusive inúmeros profissionais continuam a atuar em meios de comunicação enquanto assessoram agentes políticos, sem nenhum prejuízo da prática, defende Lorena. No Brasil esta é uma realidade comum, a exemplo dos entrevistados, Bruschi e Vasconcelos, que trabalham em meios mediáticos e são assessores de imprensa ao mesmo tempo.

Ainda assim, Olímpio e Kleber concordam que existem diferenças entre as duas profissões. Olímpio acredita que haja rivalidade, “No modelo do Brasil, isso já acontece,

---

<sup>12</sup> Entrevista fornecida por Lorena Bruschi em novembro de 2014, fornecida às autoras deste artigo.

<sup>13</sup> Entrevista fornecida por Kleber Lima em dezembro de 2014, fornecida às autoras deste artigo.



uma disputa entre jornalistas e assessores, mesmo você podendo estar do outro lado amanhã” (informação verbal)<sup>14</sup>. Kleber Lima diz que um deve procurar todas as versões de um fato. Deve-se concentrar em uma única versão, e muitas vezes contraditar as demais. Reside nisso um conflito quase insolúvel, segundo Kleber. O respeito e a verdade são essenciais para estabelecer um ponto de equilíbrio nesta relação. Mas que isso nem sempre é possível.

Em conclusão, quando questionados sobre o grande objetivo da assessoria, e a quais interesses ela serve, público ou do cliente, os entrevistados deram respostas complementares. Olímpio Vasconcelos acredita que o assessor defende o interesse do assessorado. O que vai de encontro aos princípios dos jornalistas. Segundo ele o objetivo do assessor é servir quem paga o salário. Lorena Bruschi aponta que ao divulgar ações políticas de impacto na vida das pessoas o papel de servir o interesse público foi praticado.

No entanto, o objetivo maior da assessoria é construir uma imagem pública compatível com o objetivo do seu assessorado, que no caso do parlamentar é promover a sua atuação política para ter uma avaliação positiva da população. Os frutos de uma boa gestão de comunicação devem ser colhidos com o aumento da popularidade do assessorado entre o seu público-alvo e uma expressiva votação. Kleber Lima defende que não é possível atender ao interesse do assessorado sem respeitar o interesse do público. E que, na verdade, o difícil é convencer alguns assessorados sobre esta importância. Kleber testemunha que já recusou trabalhos quando o cliente não respeitava o interesse do público.

## **Resultados**

Após a realização de entrevistas aos assessores de imprensa, conseguimos finalmente comparar a atividade de assessoria de imprensa em Portugal e no Brasil.

Dos cinco entrevistados, todos afirmaram já ter trabalhado em outras áreas sem ser a assessoria. Em relação à experiência na área, esta varia de acordo com os entrevistados. Os portugueses não têm qualquer formação específica em assessoria, enquanto os brasileiros têm como formação base o jornalismo, complementada com cursos de formação em assessoria de imprensa.

---

<sup>14</sup> Entrevista fornecida por Olímpio Vasconcelos em novembro de 2014, fornecida às autoras deste artigo.

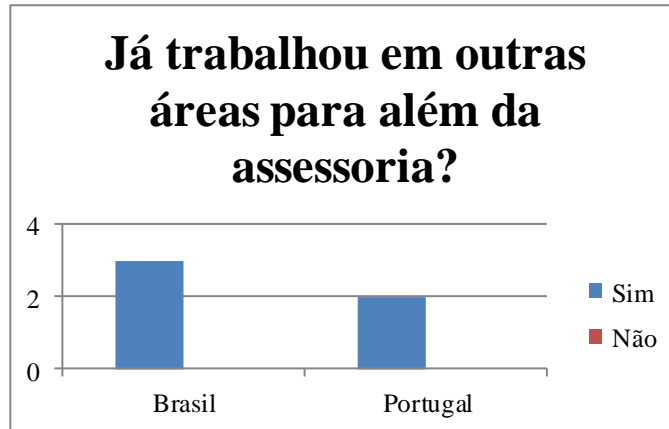


Gráfico 1 - Formação

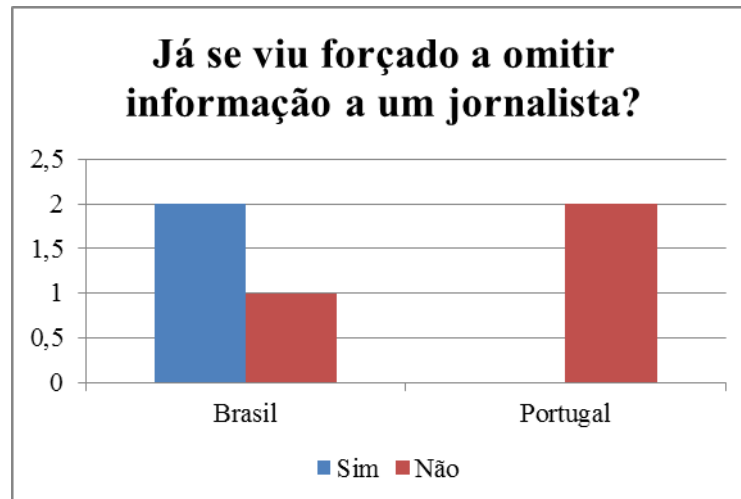


Gráfico 2 - Experiência



Gráfico 3 - Experiência como complemento

Em relação à experiência em jornalismo anterior à assessoria de imprensa, é também uma semelhança entre todos os entrevistados, que a afirmam como uma ajuda no desempenho da atividade de assessoria.



*Gráfico 4 - Omissão de Informações*

Quando questionados acerca da importância da ética na profissão, a resposta entre os entrevistados é unânime: consideram-na essencial em qualquer profissão. A omissão de informações do assessor ou do jornalista coloca algum debate, sendo que os entrevistados frisam que o assessor deve privilegiar a relação com o seu assessorado. Questionados se já se viram forçados a omitir informação, os entrevistados portugueses afirmam que não, enquanto no caso brasileiro dois assessores confirmam a pergunta e apenas um responde não.



*Gráfico 5 - Adaptação de conteúdos*

Em relação às técnicas utilizadas em assessoria de imprensa, as respostas variam. No caso português, os entrevistados afirmam usar as ferramentas mais comuns, contudo, Paula Esteves privilegia o contato telefônico enquanto Joaquim Xavier frisa a nota de imprensa. Já no caso brasileiro, por sua vez, as respostas dos três entrevistados também

diferem. Lima afirma utilizar frequentemente *press releases*, redes sociais, follow-up, Bruchi dá destaque às redes sociais e Vasconcelos emprega também redes sociais, *press releases* e *press kits* aquando de eventos esportivos. Questionados se o envio do mesmo *press release* para diferentes meios de comunicação é utilizado, as respostas dos assessores portugueses são contrárias às dos assessores brasileiros. Apesar de ambos concordarem que a adaptação devia ser aplicada, os primeiros não a realizam justificando com a falta de meios enquanto os segundos utilizam-na para diferenciar conteúdos, por exemplo, em TV e rádio.

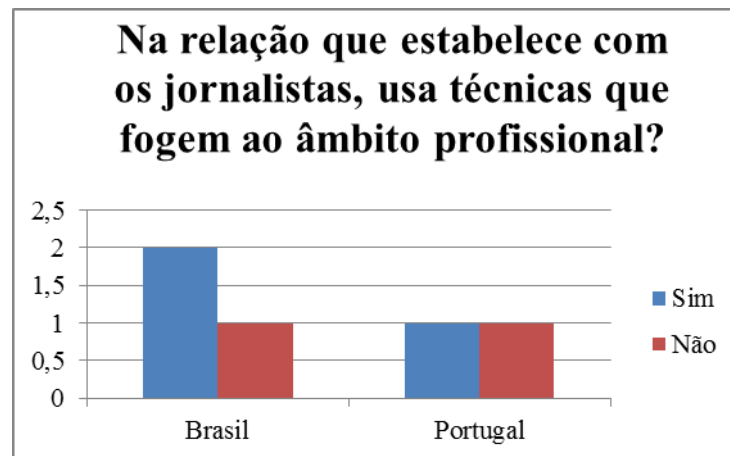


Gráfico 6 - Técnicas utilizadas

Já quanto ao uso de técnicas que fogem ao âmbito profissional no relacionamento com os jornalistas, as respostas são também distintas. Em Portugal, a assessora política confirma a afirmação, ao oposto do assessor de esporte que afirma não ter meios para tal. O mesmo sucede com os entrevistados brasileiros, Bruschi e Lima consideram esta uma prática habitual, contrariamente a Olímpio Vasconcelos que se opõe e defende uma relação o mais profissional possível.

Como já foi referido no presente trabalho, em Portugal é proibido por lei exercer simultaneamente a atividade jornalística e de assessoria de imprensa, ao inverso do Brasil em que nada a impede a simultaneidade das profissões e a mesma efetivamente acontece. Desta forma, questionados quanto à separação das duas profissões, as respostas foram, por consequência, opostas. Os assessores portugueses concordam com esta separação apesar de admitirem que a mesma não impeça a presença de promiscuidade no setor. Já os assessores brasileiros defendem que em nenhum momento a profissão de assessor está separada da de jornalista, sendo que dois deles figuram atualmente em meios de comunicação e são assessores de imprensa ao mesmo tempo.

Concluindo, sobre o grande objetivo da assessoria de imprensa, as respostas são similares. Nos dois casos, os entrevistados afirmam que deve responder ao interesse público e do assessorado, em complementaridade.

### **Conclusões**

A assessoria de imprensa desenvolve o planejamento prévio da comunicação, com o intuito de fortalecer a imagem do cliente/instituição perante a opinião pública e pelos meios de comunicação. Por sua vez, o assessor divulga notícias referentes ao cliente para a imprensa em geral.

Diferente de Portugal, o mercado de assessoria de imprensa no Brasil foi desenvolvido com a atuação de profissionais com formação em jornalismo, que se encorajam com os salários e o ritmo de produção diferente nas redações jornalísticas. Mas são duas profissões diferentes. Enquanto o jornalismo tem o compromisso com a verdade dos fatos e com a população em geral, a assessoria de imprensa trabalha com os seus clientes.

É senso comum entre os entrevistados, tanto do Brasil, quanto de Portugal, que ter a experiência prévia com funções jornalísticas é positivo na prática da assessoria. Porém, quando questionados sobre se já omitiram informações aos jornalistas, a resposta não foi uniforme. Dos cinco entrevistados, dois confessaram já não ter divulgado todas as informações.

Quanto à análise das técnicas, as respostas foram diversas nos dois países. Mas isso se deve ao fato de que cada assessor adapta ao seu gosto e às necessidades do cliente a forma de se produzir notícia.

No decorrer deste trabalho, emergiram questões e discussões sobre a ética profissional do assessor brasileiro, que é regido por um código de ética de outra profissão, a de jornalistas. Peculiarmente, apesar das discussões sobre o assunto no país existirem, grandes mudanças não são esperadas.

Este artigo traçou um perfil sobre as práticas da assessoria do Brasil e de Portugal, mas não termina as discussões sobre o assunto. A partir do momento em que o assessor deixou de ter como foco a sociedade, deixou de praticar jornalismo. E que a divisão entre as duas faz só beneficiar a própria estruturação da prática em assessoria.

## Referências

BUCCI, Eugenio. **Profissões diferentes requerem códigos de ética diferentes**. 2006. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/profissoes-diferentes-requerem-codigos-de-etica-diferentes>>. Acesso em 15/dez2014.

BRUSCHI, Lorena. Entrevista concedida a Desirê Galvão. Cuiabá, 01 nov. 2014.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Jornalismo na fonte**. In: DINES, A.; MALIN, M. (Org.). *Jornalismo brasileiro: no caminho das transformações*. Brasília: Banco do Brasil, 1996.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **O uso da técnica jornalística sem os limites da ética**. *Cadernos de Jornalismo e Editoração*, São Paulo: ECA/USP, nº 10, v. 24, p. 39-46, 1989.

CHEIDA, Marcel J. **Concepções sobre o fundamento ético da verdade factual no jornal e na assessoria de imprensa**. *Comunicarte*, Campinas, PUC, v. 10, nº 18, p. 103-118, 1993.

DESCHEPPER, Jacques. **Saber comunicar com jornalistas da imprensa, rádio e televisão**. Lisboa: Cetop, 1992.

DUARTE, Jorge Antonio Menna. **Assessoria de imprensa no Brasil**. In: (org.). *Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica*. São Paulo: Atlas, 2002.

DUARTE, Jorge Antonio Menna. **Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica**. São Paulo, Atlas, 2004.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS. **Manual de Assessoria de Imprensa**. São Paulo: Comissão Permanente e Aberta dos Jornalistas de Assessoria de Imprensa do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, 1986.

LIMA, Kleber. Entrevista concedida a Desirê Galvão. Cuiabá, 07 dez. 2014.

VASCONCELOS, Olímpio. Entrevista concedida a Desirê Galvão. Cuiabá, 01 nov. 2014.

RIBEIRO, Fernando Vasco Moreira. **O peso do press release no processo de produção de notícias**. Porto, 2014. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/ribeiro-vasco-2014-peso-do-press-release.pdf>> Acesso em 15/dez/2014.

SANTOS, S. M. C.; BARBI, E. Z. **Assessorias de comunicação e relacionamento com a imprensa: a atuação dos profissionais de Ribeirão Preto**. 2000. In: DUARTE, Jorge A. M. *Assessoria de imprensa no Brasil*. São Paulo, Ed. Atlas, 2002, p.12.